

Ano 5, Vol VIII, nº 1 , pág. 208- 243, Jan-Jun 2012

Avaliação de Intervenções de Formação Parental: uma abordagem qualitativa

Isabel Abreu-Lima & Isabel Pratinha

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto,
Porto, Portugal

Resumo

A formação parental é reconhecida como uma estratégia adequada para a promoção da parentalidade positiva, de forma a otimizar o desenvolvimento integral da criança. Contudo o conhecimento sobre quais os elementos críticos necessários para tornar a formação parental bem sucedida, é ainda limitado, sendo poucos os estudos que confirmam, de forma sistemática, os benefícios da formação parental. Neste sentido, importa desenvolver e promover estudos de avaliação que possam fundamentar e documentar a eficácia dessas intervenções. Este estudo utilizou métodos qualitativos para caracterizar e avaliar os efeitos de três intervenções de formação parental com 21 mães/pais de meios socioeconómicos desfavorecidos. Foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas, procedendo-se de seguida à análise do seu conteúdo. Os resultados evidenciam a satisfação dos pais com os conteúdos das intervenções, e mudanças ao nível das ideias e comportamentos parentais e da capacidade de gestão do comportamento dos seus filhos. Conclui-se que as intervenções na parentalidade, mesmo em contextos de adversidade, asseguram uma contribuição significativa a curto prazo, no sentido de um aumento da competência educativa e bem-estar das mães e pais participantes. Salienta-se o contributo das avaliações de tipo qualitativo para a compreensão dos resultados obtidos nos pais, e para a análise de algumas dimensões dos próprios programas, com vista à planificação de novas intervenções.

Palavras-chave: Famílias em risco; intervenção na parentalidade, métodos qualitativos.

Abstract

Parental training is recognized as an appropriate strategy for the promotion of positive parenting in order to optimize the global development of children. However, knowledge about critical elements needed to enhance the success of parenting training is still limited, and few studies have confirmed, in a systematic way, the benefits of such interventions. In that sense, it is important to foster assessment studies that may document and validate the efficacy of such interventions. This study used qualitative methods in order to characterize and evaluate the effects of three different parental interventions that included 21 low socio-economical level mothers / fathers. Individual semi-structured interviews were conducted with each participant, which were subsequently analyzed in terms of content. The results suggest that parents appreciated the contents of the interventions, and evidence change in parental ideas, behaviors and capacity to manage the behavior of their children. The authors conclude that parenting interventions, even in adverse contexts, provide a significant contribution in the short term, by increasing the educational competence and well-being of participating parents. The contribution of qualitative evaluations to understanding the results obtained from interventions and to analyze some dimensions of the programs aiming to plan for new interventions is highlighted.

Keywords: Families at risk, Parenting intervention, qualitative methods

As famílias, tal como as sociedades, têm vindo a sofrer ao longo das últimas décadas um conjunto de transformações a vários níveis. Sinal de crise ou de adaptação, estas modificações refletem-se inexoravelmente na vida das crianças. Assim, se no passado a família detinha todas as responsabilidades relativas à educação das crianças, no presente a família partilha essas responsabilidades com outras instituições sociais, como por exemplo, a escola e o jardim de infância. As mudanças sociais e económicas e as concomitantes alterações nas configurações familiares, fazem com que a tarefa de educar levante novos desafios, a que algumas famílias têm dificuldade em dar resposta.

Educar é um processo complexo, e que implica por parte das famílias o desempenho de um grande número de tarefas. A vida em família é um componente essencial na vida de qualquer ser humano, sendo conhecidas as

consequências nefastas para o desenvolvimento de situações em que as crianças dela são privadas. Contudo e fruto de fatores diversos, nem todas as famílias são capazes de se organizar para responder adequadamente às necessidades dos seus membros, o que faz com que para algumas crianças, a vida em família seja marcada pelo conflito ou pela violência, constituindo uma experiência negativa cujas marcas são difíceis senão impossíveis de apagar (Abreu-Lima, 2005).

De uma forma ou de outra, o ambiente familiar proporcionado pelos pais tem um impacto inequívoco no desenvolvimento das crianças, sendo a qualidade da educação recebida em casa um fator marcante para o seu sucesso escolar. Pode por isso afirmar-se que as figuras parentais, consciente ou inconscientemente, têm um papel fulcral na trajetória desenvolvimental dos seus filhos, preparando-os melhor ou pior para a vida. Contudo, as crianças não trazem à nascença um manual de instruções, podendo ser complicado para alguns pais saber como estimular adequadamente os seus filhos para que estes se tornem adultos equilibrados, autónomos e felizes (Marujo, 1997).

A necessidade de formar e informar, educar e reeducar, ou simplesmente apoiar os pais na educação dos filhos deu origem ao campo da intervenção na parentalidade (Cruz & Barbosa-Ducharne, 2006), estando os programas de formação parental em grande expansão, tanto a nível internacional como nacional. A noção de que a parentalidade é uma atividade que necessita de ser apoiada (Conselho Europeu, 2006), resume bem a ênfase que presentemente se coloca no desenvolvimento de projetos de formação parental que ajudem os pais a melhorar o ambiente familiar dos seus filhos, e

muitas intervenções têm vindo a ser desenvolvidas com este objetivo. No entanto, é igualmente relevante procurar compreender os resultados de tais programas, ou seja, avaliar a sua eficácia. Neste sentido, saber quais os fatores que são relevantes e interferem no desenvolvimento das famílias e na eficácia destas intervenções, constitui atualmente uma importante área de estudo, constatando-se a falta de estudos empiricamente validados que comprovem, de forma sistemática e consistente, a eficácia das intervenções de formação parental.

O desempenho positivo do papel parental é definido nas Recomendações do Conselho da Europa como “o conjunto de comportamentos parentais que procura o bem-estar das crianças e o seu desenvolvimento integral desde uma perspetiva de cuidado, afeto, proteção, enriquecimento e segurança pessoal, de não-violência, que proporciona reconhecimento pessoal e pautas educativas, e inclui o estabelecimento de limites para promover o seu completo desenvolvimento, o sentimento de controlo da sua própria vida” (Martínez González & Vázquez, 2009, p. 100). Esta parentalidade positiva permitirá à criança desenvolver todo o seu potencial, quer no seio da família, quer ao nível social e na comunidade.

A parentalidade positiva impõe-se pois como uma filosofia e um objetivo sendo definida como a parentalidade que é respeitosa e apoiada nos direitos da criança, consagrados no UNCRC (*United Nations Convention on the Rights of the Children*). Um desempenho positivo do papel parental é consistente com os princípios de não-discriminação, primazia do melhor interesse da criança em todas as ações relativas a ela, o direito da criança à

sobrevivência e ao desenvolvimento máximo possível, e o respeito pelos pontos de vista da criança, e é neste contexto que surgem as intervenções na parentalidade e mais concretamente, a formação parental.

A importância da formação parental resulta da crença e evidência de que, por um lado, a família e as suas práticas educativas são determinantes na trajetória de desenvolvimento das crianças, ainda que cada vez mais cedo outros educadores entrem na vida destas e, por outro, de que é possível apoiar a família, ao nível dos comportamentos e das crenças educativas, no contexto de formação, de modo a que esta conscientemente maximize o desenvolvimento integral das suas crianças (Cruz & Barbosa-Ducharne, 2006).

A formação parental é um conceito multifacetado que se inscreve no domínio da intervenção na parentalidade, englobando qualquer tipo de programa educacional, envolvimento ou intervenção, oferecido ao nível dos setores público e privado, a pais de diversos níveis socioeconómicos e educacionais (Authier, Sherrets & Tramontana, 1980; Vale & Costa, 1994/95). Tem como objetivos aumentar a informação, o conhecimento e a aprendizagem de competências necessárias à educação das crianças ao longo do seu desenvolvimento (Bartau, Maganto & Etxeberria, 2001). Apesar das suas múltiplas definições e objetivos, todos os programas de formação parental pretendem apoiar os pais no desempenho das tarefas educativas, de forma a que o processo educativo facilite o desenvolvimento da criança e seja simultaneamente recompensador para os pais.

A intervenção na parentalidade pode assumir diversas modalidades, formatos e contextos (Cruz & Barbosa Ducharne, 2006). As formações

parentais assumem frequentemente um formato grupal, embora possam diferir em termos do grau de estruturação ou estandardização, dos conteúdos, dos pressupostos teóricos, dos contextos onde se realizam ou da natureza da intervenção (Abreu-Lima, Alarcão, Almeida, Brandão, Cruz, Gaspar & Ribeiro dos Santos, 2010; Cruz & Barbosa-Ducharne, 2006; Vale & Costa, 1994/95).

Em função do grau de estrutura e estandardização das intervenções, Abreu-Lima e colaboradores (2010) encontraram quatro tipos de intervenções na parentalidade em Portugal, que definiram como: 1) intervenções internacionais estandardizadas, baseadas em conhecimento científico, e que apresentam um conjunto de métodos (conteúdos, procedimentos e instrumentos) claramente definidos e passíveis de replicação; 2) intervenções nacionais estandardizadas, diferentes das anteriores porque foram adaptadas para o português, não tendo sido ainda totalmente comprovada a sua eficácia; 3) intervenções estruturadas, construídas “à medida”, de acordo com a população a que se destinam, que poderão ser replicadas conforme o maior ou menor detalhe na descrição dos métodos; e 4) intervenções flexíveis, construídas ao longo do decorrer das sessões em função das necessidades sentidas, e cuja falta de estruturação prévia torna difícil a replicação.

Quanto à natureza, as intervenções na parentalidade podem ter um carácter preventivo ou terapêutico (por exemplo, se surge como resposta a situações de crise) (Vale & Costa, 1994/95).

A formação parentalé frequentemente encarada como uma estratégia adequada para responder a alguns dos problemas que afetam as famílias consideradas de risco pelas instituições da comunidade, como os tribunais e os

serviços sociais e de saúde. (Brock, Oertwein, & Coufal, 1993, *cit in* Abreu-Lima *et al*, 2010). Contudo, vários estudos comprovam que mesmo pais que vivem em condições extremamente adversas são capazes de desenvolver práticas educativas que promovem a competência e o ajustamento dos seus filhos (Machado & Morgado, 1992). Sabe-se igualmente que estes pais beneficiam com a frequência de programas de formação parental, na medida em que a própria pobreza constitui um fator de risco, influenciando as práticas educativas destes e os resultados das suas crianças (Nicholson, Anderson, Fox & Brenner, 2002). A formação parental pode ser uma forma viável de intervenção para as famílias em dificuldades, tal como é para as restantes (Thompson, Grow, Ruma, Daly, & Burke, 1993).

A investigação refere diferentes características que fazem destas famílias alvos importantes para a formação parental, particularmente no que concerne aos níveis educacionais baixos dos pais (que dificulta o apoio escolar dos filhos e o envolvimento com o contexto escolar destas crianças), aos problemas de saúde (por exemplo, a depressão materna e a toxicodependência), ao desemprego ou ao desempenho de empregos de baixo estatuto social (Abreu-Lima *et al*, 2010). Vários autores referem também que as famílias em dificuldades estão mais propícias a acontecimentos de vida negativos, tais como o divórcio ou o desemprego, o que contribui para uma parentalidade mais negativa e inconsistente, falta de afeto, e condições que potenciam o abuso infantil (Nicholson *et al*, 2002; Thompson *et al*, 1993).

Apesar de bem documentado o interesse da formação parental como forma de apoio à parentalidade, subsistem inúmeras dificuldades e obstáculos

que comprovam a complexidade subjacente a esta experiência (Marujo, 1997) e nem sempre os esforços desenvolvidos para envolver os pais obtêm sucesso. Os obstáculos são comuns a outros programas para adultos, destacando-se os impedimentos de natureza financeira, política e social, a pouca atratividade dos programas, ou ainda os preconceitos no que respeita a este tipo de formação (Machado & Morgado, 1992). A evidência destas limitações aparece patente nos relatórios da maioria dos países, sendo muito pequeno o número de pais que assistem a sessões de formação parental, quando confrontado com o número de pais que dela poderiam usufruir. Também se constata que os pais assistem menos que as mães, chegando os primeiros a mostrar indiferença perante a realização destas sessões (Velazquez & Loscertales, 1987). Esta atitude surge com alguma frequência em famílias mais tradicionalistas, onde se considera que a educação dos filhos é uma tarefa essencialmente feminina.

Para inverter esta tendência, é imperativo oferecer programas mais atrativos e alterar as crenças e atitudes dos progenitores quanto ao processo educativo e à relevância destas formações. De facto, muitos pais encaram ainda a participação nestas formações como o reconhecimento das suas fraquezas e incompetências numa tarefa que desde sempre foi possível concretizar sem ajudas (Marujo, 1997).

A relevância de uma cuidadosa avaliação dos resultados dos programas de formação parental tem vindo cada vez mais a ser reconhecida por profissionais de diferentes áreas (First & Way, 1995). Identificar os elementos de sucesso das intervenções permitirá promover a criação de programas e políticas que tornem estas intervenções cada vez mais úteis para os pais e para

os profissionais que tem como propósito ajudar as famílias a viver melhor (Abreu-Lima *et al*, 2010; Wolfe & Haddy, 2001). Contudo, estas avaliações são complexas, difíceis e morosas (Innocenti, 2002) e levantam um conjunto de problemas.

Os problemas advêm de limitações de ordem metodológica e teórica (Smith, 2002, *cit in* Cruz & Barbosa-Ducharne, 2006), como o uso de procedimentos de amostragem pouco rigorosos, medidas pouco sistematizadas, escassez de estudos de seguimento dos efeitos a longo prazo, impossibilidade de replicar o programa (frequentemente formadores e clientes são diferentes), ausência de grupos de controlo ou grupos formados pelas listas de espera e utilização de avaliadores independentes na avaliação da eficácia (Bartau *et al*, 2001; Cruz & Barbosa-Ducharne, 2006).

A existência destas lacunas aliada à importância de compreender os processos e os significados inerentes às mudanças introduzidas pelas intervenções na parentalidade, têm contribuído para que alguns autores optem pela inclusão de metodologias qualitativas na avaliação dos resultados das intervenções (First & Way, 1995). Este tipo de abordagem implica normalmente o desenvolvimento de um conjunto de questões abertas que se vão focalizando progressivamente através de processos de indução e de intuição. A recolha de informação qualitativa permite ainda progredir na compreensão de novas dimensões, aprofundar o conhecimento factual e, a partir de uma contextualização cultural, obter novas linhas de pesquisa (Barlow & Stewart-Brown, 2001). Esta opção metodológica permite apreender, de forma mais profunda e fidedigna, a multidimensionalidade e complexidade das

perspetivas subjetivamente construídas pelos pais, acerca da intervenção e da sua experiência na mesma (Barlow & Stewart-Brown, 2001; First & Way, 1995; Stewart-Brown, Patterson, Mockford, Barlow, Klimes & Pyper, 2003; Wolfe & Haddy, 2001), pretendendo ser um complemento a um processo tradicional de avaliação quantitativa.

Apesar de a avaliação não ser ainda uma prática totalmente instituída, ela vai-se tornando cada vez mais frequente e desejada, e nos casos em que os programas de formação parental são avaliados, os resultados indicam efeitos positivos (Medway, 1991, *cit in* Bartau *et al*, 2001). Contudo, um longo caminho precisa de ser percorrido, no sentido de aumentar a qualidade das práticas na avaliação de programas de formação parental (Powell, 1998). Neste contexto, o objetivo deste trabalho é justamente o de contribuir para uma melhor compreensão dos efeitos das intervenções na parentalidade, recorrendo a uma entrevista semi-estruturada aos pais participantes. A utilização de metodologias qualitativas deste tipo poderá contribuir para aprofundar os resultados das intervenções, trazendo a lume aspetos e dimensões das vivências dos pais que muitas vezes não são contempladas nas tradicionais avaliações quantitativas.

Assim, este estudo tem como objetivo analisar os resultados de três intervenções, realizadas com famílias de meio socioeconómico desfavorecido, de um ponto de vista qualitativo. De forma mais específica, pretendeu-se:

- Analisar as mudanças nas práticas parentais dos participantes após a implementação da intervenção, quer a nível das suas ideias quer dos seus comportamentos.

- Analisar a percepção dos participantes sobre o apoio proporcionado pela rede familiar relativo à participação na intervenção;
- Avaliar o impacto da intervenção noutras áreas da vida pessoal ou familiar do participante: gestão da dinâmica familiar, relação conjugal, gestão das relações interpessoais e representações pessoais.
- Avaliar a satisfação dos participantes com a intervenção, nomeadamente, com o formador, o grupo, as metodologias e os conteúdos.
- Explorar fatores associados com o envolvimento dos participantes.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 19 mães e 2 pais incluídos em três intervenções distintas de formação parental. A idade dos participantes varia entre 22 e 52 anos ($M= 34.68$, $DP= 5.66$). Os agregados familiares são predominantemente biparentais (74%) e cerca de metade das famílias têm três ou mais filhos (48%). A maioria dos participantes é pouco escolarizada (56,5% dos pais são analfabetos ou têm o 1º ciclo e apenas 13% completou o 3º ciclo) e encontra-se desempregada (87%), caracterizando-se por um estatuto socioeconómico baixo, com um número apreciável (81%) a receber um subsídio económico pago pelo estado, o Rendimento Social de Inserção (RSI).

Instrumento

A avaliação das três intervenções foi realizada através de uma entrevista individual semi-estruturada, elaborada para o efeito, de acordo com dimensões e/ou aspetos destacados em outros estudos qualitativos (Barlow & Stewart-Brown, 2001; First & Way, 1995; Stewart-Brown *et al*, 2003; Wolfe & Haddy,

2001).O protocolo usado foi essencialmente idêntico nas três intervenções, embora tenha sido necessário proceder a pequenas adaptações em função de cada uma das intervenções incluídas.

As entrevistas foram pensadas com o intuito de aprofundar o entendimento sobre as vivências dos pais, no decorrer da participação na formação e, ao mesmo tempo, permitir uma concetualização das consequências da participação, nas competências parentais e na qualidade de vida em geral, por parte dos que nela participaram.

A entrevista incluiu sete grupos de questões abertas, solicitando-se aos pais/mães narrativas das suas experiências após a formação, reflexões acerca do que aprenderam e exemplos de como a experiência os afetou nas seguintes áreas:

I. *Alteração de comportamentos e ideias sobre a parentalidade*: diferenças percebidas pelos pais no seu desempenho parental, antes e após a participação na intervenção, em áreas como as ideias e comportamentos parentais, a comunicação com os filhos, a gestão do comportamento dos filhos, as dificuldades sentidas, etc.

II. *Impacto noutras áreas da vida*: percepção dos participantes sobre as mudanças ocorridas nas suas vidas em geral, ao longo da participação na intervenção, no que se refere às relações interpessoais – amigos, familiares e cônjuge -, ou outras mudanças em áreas significativas da vida, não diretamente relacionadas com o subsistema parental.

III. *Percepção do apoio do formador e restantes elementos do grupo*: opiniões quanto ao grupo em que estiveram inseridos, bem como relativamente aos

formadores. Pretende-se conhecer os níveis de apoio prestados pelos restantes elementos e formadores, satisfação com as dinâmicas e estratégias utilizadas, sentimentos relativos ao grupo, etc.

IV. *Perceção do apoio da família*: nível de apoio que receberam da sua família (cônjuge e filhos) para a participação na intervenção.

V. *Satisfação com o programa*: níveis de satisfação com a intervenção, quanto ao horário, frequência, conteúdos e ainda, acerca dos momentos marcantes e outros temas que gostassem de ter visto abordados.

VI. *Adesão à intervenção*: ideias dos pais sobre as dificuldades e obstáculos encontrados à participação na intervenção, e as alternativas que julgam poder ser introduzidas a fim de que mais pais se envolvam neste tipo de intervenções.

VII. *Outros comentários ao programa*: espaço para os pais partilharem outros comentários/opiniões que não tivessem sido incluídos nos grupos anteriores.

Procedimento

As intervenções envolvidas no presente estudo foram seleccionadas por conveniência, e decorreram na zona do grande Porto, entre outubro de 2010 e maio de 2011.

A primeira intervenção era uma intervenção estruturada à medida (i.e. delineada pela dinamizadora, mediante a identificação de necessidades da população a que se destinava), e foi implementada pelos serviços sociais num município limítrofe da cidade do Porto. Teve a duração de 14 sessões semanais de duas horas cada. Foram entrevistadas 6 mães que participaram nesta intervenção.

A segunda intervenção era em tudo semelhante à primeira anterior. Com 19 sessões semanais de duas horas de duração, teve a particularidade de incluir uma componente de teatro. Esta componente tinha lugar no final de cada temática abordada, sendo cada sessão dinamizada por um professor de teatro e culminando com a apresentação pública de uma peça preparada pelos participantes do grupo, ao longo da intervenção. Foram entrevistados 12 participantes (incluindo os 2 pais do sexo masculino).

A terceira intervenção é o programa internacional estandardizado Triplo P (*Promovendo a Parentalidade Positiva*) (Sanders *et al*, 2003), cuja implementação foi promovida por um protocolo entre uma associação sem fins lucrativos da cidade do Porto e a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, sendo as formadoras duas professoras da referida Faculdade, com formação específica no programa. O Triplo P constitui um modelo de suporte parental que apresenta cinco níveis de intensidade crescente e métodos de intervenção diversificados no que concerne ao apoio prestado aos pais. A intervenção enquadrada no presente estudo corresponde ao nível 4: Triplo P de Grupo (Sanders *et al*, 2003) e exige formação específica por parte de quem o implementa. Foi constituído por onze sessões, oito presenciais e três telefónicas. Foram entrevistadas 3 mães participantes neste programa.

Todas as intervenções tinham um formato grupal e visavam a promoção da parentalidade positiva. No entanto e de acordo com a tipologia atrás apresentada, duas intervenções podem considerar-se como estruturadas à

medida, tendo sido frequentadas por 18 participantes, e a terceira do tipo internacional estandardizada, nela tendo sido entrevistadas três mães.

As três instituições promotoras foram previamente contactadas a fim de conhecerem os objetivos do estudo e o procedimento que se pretendia implementar.

Foi explicado aos participantes o intuito da investigação e pedida a sua colaboração, sendo garantido o anonimato e confidencialidade da informação recolhida e realçado que esta era independente da intervenção, para que os participantes se sentissem à vontade para exprimir as suas opiniões. Após a realização da última sessão de cada intervenção, foi realizada a entrevista individualmente, de acordo com a disponibilidade dos participantes e sempre pela mesma entrevistadora. Decorreu nas instalações da associação promotora da intervenção, foi gravada em áudio com o consentimento dos pais e transcrita na íntegra, com uma duração de 15 a 30 minutos. O intervalo entre o final da intervenção e a realização da entrevista variou entre o mínimo de uma semana e o máximo de um mês.

Análise dos dados

As entrevistas foram analisadas com recurso à análise de conteúdo de tipo categorial, com o auxílio do programa informático NVivo, versão 9, em três etapas: 1) identificação e codificação dos conteúdos significativos, 2) comparação das primeiras codificações a fim de as agrupar em subcategorias e categorias mais amplas e organizá-las numa estrutura hierárquica e, por último, 3) cálculo das frequências simples das diversas unidades de sentido, com o intuito de procurar quais as categorias e subcategorias mais incidentes nas

respostas dos participantes. O processo de identificação e codificação da informação centrou-se nas unidades semânticas, isto é, nas ideias, expressas pelos pais/mães em expressões ou frases, que traduziam conteúdo relevante e significativo.

Apresentação dos resultados e discussão

Para melhor apreciação dos resultados obtidos, essencialmente qualitativos, far-se-á em simultâneo a discussão dos mesmos o que poderá facilitar a sua apreciação e interpretação. Sempre que adequado e para ilustrar a relevância de algumas das respostas, será também indicada a sua frequência, e apresentados alguns exemplos concretos. A comparação com resultados obtidos em outros estudos será também apresentada sempre que estes estiverem disponíveis.

A análise de conteúdo das 21 entrevistas revelou seis domínios ou categorias principais que emergiram das respostas das mães e pais entrevistados, e que exprimem as perceções destes sobre (1) a intervenção, (2) o grupo, (3) as formadoras, (4) o apoio da sua família face à participação, (5) a adesão e envolvimento e, finalmente (6) as mudanças nos filhos. Em cada um destes domínios, foram ainda identificados conteúdos específicos, que são apresentados. Em seguida estão expostos os resultados obtidos em cada um dos domínios, e respetivos conteúdos, pelos participantes das três intervenções.

Perceção sobre a intervenção

Pertinência dos conteúdos abordados. Todos os participantes nas três intervenções avaliaram os conteúdos muito positivamente. A maioria dos

entrevistados considerou todos os temas interessantes e importantes e nenhum deles identificou qualquer tema como menos interessante ou importante.

“...eu achei interessante todos. (...)Acho que o que a gente deu foi tudo importante e tudo útil, pode não acontecer hoje, mas o que não acontece hoje pode acontecer amanhã, não é? E eu acho que um dia pode vir a ser muito útil. [S.M.]”

Nas intervenções estruturadas à medida, quatro dos 18 participantes salientaram estar satisfeitos como facto de terem tido um papel ativo na escolha dos conteúdos abordados ao longo das sessões.

“...fomos nós todos que escolhemos os temas, não foram as doutoras, elas deram-nos a escolher os temas que a gente gostaria de ver abordados, fomos nós portanto.... [A.T.]”

Horário e frequência das sessões. Dada a condição de desempregado da maioria dos participantes, não é de admirar que, quando questionados sobre a conveniência e satisfação com o horário e frequência das intervenções que integraram, tenham respondido afirmativamente na generalidade dos casos. O horário causou inconveniente apenas a dois participantes, porque interferia com a hora da refeição num dos casos e com o horário da escola do filho noutro. Quanto à frequência das sessões, as únicas críticas foram no sentido de terem sido poucas. Alguns pais referiram que teriam preferido que as sessões tivessem sido mais frequentes, ou que a formação se tivesse prologando por mais sessões.

“Podia ser mais vezes. Porque assim o grupo conhece-se com mais tempo, só uma vez por semana, só hora e meia por semana não é suficiente, há sempre alguém que falha, que falta.[M.S.]”

Impacto no desempenho parental. No que se refere à percepção dos pais quanto à forma como a participação afetou o seu desempenho parental, as respostas dadas evidenciaram quatro áreas principais de mudança:

- Aquisição de novos conhecimentos. Nove entrevistados referiram que a formação lhes tinha proporcionado novos conhecimentos úteis para a tarefa parental, como por exemplo a saúde infantil, o *bullying*, os desafios da adolescência, entre outros;

“A gente aprende sempre coisas novas: os maus tratos, sobre as drogas, sobre a violência, principalmente o bullying que há agora muito nas escolas.. [M.S.]”

- Gestão do comportamento dos filhos. À semelhança dos resultados de estudos congêneres, quinze participantes referiram sentir-se mais aptos perante situações de mau comportamento dos filhos (Scott, O'Connor & Futh, 2006; Wolfe & Haddy, 2001) e ter aprendido estratégias positivas de disciplina, potenciadoras dos bons comportamentos (Barlow & Stewart-Brown, 2001; First & Way, 1995; Stewart-Brown et al, 2003), das quais são exemplos os elogios, as recompensas, os encorajamentos, o estabelecimento de regras, o gráfico do comportamento e a realização do horário de estudo, entre outras. Além disso, estas estratégias parecem ter substituído outras práticas parentais menos úteis, tais como gritar, ameaçar ou rebaixar.

“Sim, as autoestimas, mesmo que eles façam mal a gente nunca rebaixar e dizer “isso tá mal feito” (...).”Para a próxima fazes melhor”, encorajar mais. E eu não era assim, temos que ser sinceras. [A.T.]”

“Aprendi muita coisa, aprendi a saber lidar melhor com as situações perante os filhos, (...) na educação porque eu tinha um bocadinho de dificuldade na adolescência de saber lidar com a minha filha e agora não. [C.P.]”

“Por exemplo quando a gente vai às compras, quando dá-lhes a eles a lista das compras. Quando aquilo dos quadros dos smiles, o gráfico do comportamento. O gráfico é bastante interessante. Da recompensa quando eles fazem aquilo que a gente pede têm de ter uma recompensa, acho que sim, por aí. [J.B.]”

- Ideias e comportamentos parentais. Um dos aspetos em que os pais parecem ter obtido maiores benefícios da intervenção foi a “mudança como pais/mães”, a nível das ideias e dos comportamentos parentais, para lidar com os filhos duma maneira mais positiva.

Estes resultados são consistentes com os de outros estudos que sugerem que a intervenção ajuda os pais a: a) estar mais abertos e atentos aos filhos para resolver os problemas de uma maneira positiva, b) aprender a ouvir, usando competências de comunicação tais como escuta ativa para ajudar e conversar com os filhos, c) tratar as crianças com respeito, devido a um aumento da capacidade de pensar com calma e de controlo sobre si, d) empatizar com as crianças e compreender melhor os fatores que as levam a comportar-se de

determinada maneira (Barlow & Stewart-Brown, 2001; First & Way, 1995; Stewart-Brown *et al*, 2003; Wolfe & Haddy, 2001).

“Ser mais aberta com os meus filhos que eu era muito fechada com os meus filhos que eu tinha constrangimento de falar em certas coisas, depois da sessão acho que fiquei mais aberta [P.R.]

Por exemplo, dantes irritava-me e berrava muito mas agora não, agora já tento controlar-me mais, controlo-me mais, sei mais como agir, (...) quando quero que eles façam alguma coisa eu imponho-me “tens de fazer e tens mesmo”, utilizando várias estratégias, não é? Que aprendi ao longo das sessões e vão dando resultado, às vezes uma por outra não dá, mas quando não dá aquela, a gente utiliza outra e acaba por dar resultado, e agente acaba por estar mais descansada porque não se chateia tanto. [S.M.]”

- Comunicação. As intervenções parecem ter tido um efeito ao nível da comunicação, potenciando a comunicação entre os pais e os filhos. O à-vontade e abertura crescente mencionados anteriormente permitiu que os pais se sentissem mais capacitados para comunicar com os seus filhos, abordando temas como *bullying*, consumo de substâncias, estudo e sexualidade.

“Acho que sim, converso com elas, já conversava mas agora converso mais. Isso, pelo menos, na hora de ver televisão e na hora de jantar são quando estamos mais. [S.C.]”

“Por exemplo em relação à sexualidade que ela já me pergunta muito, chegamos já a falar do período e tudo, ou seja, eu já lhe tinha explicado

de uma maneira mas aqui consegui explicar de uma maneira muito mais simples e com que ela compreendesse muito melhor essa parte. [C.L.]”

Sempre que os pais relatavam alguma destas mudanças, foram questionados acerca das reações dos filhos. Contentamento, estranheza e melhoria da relação entre pais e filhos foram as reações mais referidas (11 participantes).

“Elas começaram a ver uma diferença na mãe, começaram a dizer: oh mãe, não deveres ser tu, deve haver engano. Eu disse “não filha, a mãe está a mudar tem de ter estas conversas contigo, está-vos a preparar também para a vida”. (...) tanto que gostaram que elas agora vêm-me procurar sempre. [C.P.]”

“Bem, ao início se calhar não estavam a perceber o fundamento, porque que é que as coisas estavam diferentes, mas ao longo dos dias foram-se apercebendo que era para ser diferente, que estava algo diferente lá em casa, mudar a maneira de estar. E depois isso acho que também se reflete neles. [J.B.]

Fica todo contente, coitadinho (...) vê que o ‘tou a elogiar e fica muito contente. Não é? [S.M.]”

Os sentimentos das mães/pais relativamente às suas próprias mudanças, variaram entre o sentir-se bem, competente, ou a “má da fita”.

Bem muito bem acho que foi muito importante. Primeiro porque eu sou uma mãe nova, tenho muitos anos pela frente, ainda tenho 37 anos. Isto é bom para toda a vida, foi uma formação, prontos, acho que ninguém ensina ninguém a ser mãe mas algumas dicas ajudam bastante. [J.B.]

Impacto em outras áreas da vida. Os entrevistados referiram outras áreas da sua vida em que as intervenções tiveram influência, não diretamente relacionadas com a educação dos filhos. Ainda que este não fosse o objetivo central das intervenções, a formação parental deve promover, tanto as competências educativas, como as competências pessoais e interpessoais, uma vez que ambas contribuem para o desenvolvimento e a educação dos filhos (Abreu-Lima *et al*, 2010; Martín-Quintana, Byrne, Máiquez, Rodríguez, Rodrigo & Rodríguez, 2009). Esta influência foi atribuída pelos participantes a três fatores primordiais:

-aquisição de novos conhecimentos e novas experiências – referida por cinco entrevistados, refere-se aos relatos dos pais sobre a aquisição de conhecimentos úteis para as suas vidas em geral, e à vivência de novas experiências.

“Aprendi muita coisa. Fiz coisas que nunca pensei, como o teatro. Gostei muito. [P.C.]”

-impacto na relação conjugal – embora poucos, três pais relatam um impacto positivo na relação com o cônjuge.

- apoio a outras pessoas – com os novos conhecimento adquiridos, os participantes sentiam-se também mais habilitados para *apoiar e dar conselhos a outras pessoas*. Nove entrevistados referiram ter recorrido às aprendizagens adquiridas na intervenção para ajudar familiares e amigos.

“Ajudou-me muito. Eu converso muito, (...) principalmente com amigas minhas que estão a passar por estas situações, que tenho estes casos todos. Aquilo que eu dei ao longo deste tempo todo, neste curso eu tento

transmitir e tento ajudar as minhas amigas, principalmente na violência doméstica que é uma coisa que batalho muito, que estou a ver muitas amigas minhas nesta situação e procuro-as acompanhar, (...) e isso aprende-se muito, começa-se a ajudar as outras pessoas não é? [C.P.]”

Não obstante, o transbordar dos efeitos da participação na intervenção para outras áreas da vida não é geral. Oito entrevistados disseram não ter sentido qualquer influência da intervenção na gestão dos seus problemas familiares, dez referiram não ter havido mudanças na relação conjugal, e três afirmaram manter as mesmas rotinas.

“Não, não, o que eu fazia continuo a fazer, o tempo deles é deles, a hora de deitar é a mesma, a maneira de ver é a mesma, de resto não... continua tudo igual. [P.M.]”

Momentos marcantes. Cerca de 67% dos entrevistados relatou ter vivenciado algum momento marcante e significativo ao longo da intervenção. Esses momentos envolvem situações de partilha, a visualização de um filme, uma atividade de teatro e a exploração de um tema. Outros pais viveram esses momentos embora não os associem a estímulos específicos.

“Não sei, talvez a parte da droga. Porque tenho um filho que andava ai com outros rapazes, essa foi a parte que me tocou mais. [F.F.]”

“A última, quando perguntaram se a gente gostou do que a gente aprendeu. Sim, só aí é que a gente cai em como as coisas mudaram, porque as coisas do R. foram muito diferentes na época das chamadas telefônicas. [P.M.]”

Outros temas. A grande maioria dos pais (12 participantes) não identificou outros temas que gostasse de ter visto abordados. Apenas dois participantes manifestaram o desejo de maior aprofundamento de alguns temas abordados.

“...é pena não poder haver mais tempo, se calhar para abordar outros temas. Na família e tudo há muitos temas para abordar. (...) Os temas foram todos abordados no geral se calhar se fossem mais um bocadinho aprofundados talvez fosse útil. [S.C.]”

Percepção sobre o grupo

Os pais exprimiram sentimentos e as suas representações relativas ao grupo de pais e mães com quem partilharam a experiência da participação na intervenção. A análise das respostas revelou duas subcategorias, a integração no grupo e a sua importância.

Integração no grupo. Dezoito participantes referiram sentimentos de integração no grupo, tanto imediata como progressiva. Cinco participantes apontaram, ainda, o facto da integração no grupo ter permitido conhecer outros pais, potenciando o apoio social recebido, o que esta de acordo com resultados de outros estudos (Barlow & Stewart-Brown, 2001; First & Way, 1995; Wolfe & Haddy, 2001). Apenas dois (10%) participantes referiram o contrário.

“Convivo com outras pessoas, não conhecia aqui ninguém, fui conhecendo outras colegas e gostei. [P.C.]”

“Eu senti-me muito bem, embora ao principio as primeiras semanas, aquelas duas primeiras sessões a pessoa sente-se deslocada, não dá confiança assim, custa mais falar, ainda para mais quando é da nossa

vida, que falar dos nossos filhos é falar da nossa vida, que o dia-a-dia é com os miúdos, acho que custa assim um bocadinho mas depois disso uma pessoa vai-se habituando. [S.M.]”

Importância do grupo. Todos os pais perceberam o grupo de forma positiva, resultado consistente com outras investigações que salientam a importância do formato grupal das intervenções. Este possibilita a identificação entre os participantes (Barlow & Stewart-Brown, 2001; Thompson *et al*, 1993), a percepção positiva da divergência de opiniões (o que aconteceu com 15 participantes) (First & Way, 1995), a promoção do conhecimento de diferentes realidades familiares e a relativização dos seus próprios problemas.

“Gosto até, porque cada um tem os seus problemas, a nossa vida é mesmo assim, mas às vezes pensava que o problema era maior que os outros e via que afinal ainda há problemas maiores e tento ver com melhores olhos, aceitar as coisas e pronto não lidamos assim muito, que são só duas horitas, mas o pouco já deu para perceber alguma coisa, e faz bem, o convívio entre nós mães, faz bem. [G.F.]”

Torna-se um bocadinho difícil eu ter convivência com outras mães, sou muito isolada com os miúdos, porque pronto eles também exigem isso, não tenho grande tempo, prontos, por exemplo deu para eu perceber que não é só comigo, que as outras mães também têm esses problemas, muda coisa que acontece a gente (pensa), será que é só aqui?, será que os meus são diferentes?, mas não. [S.M.]”

Percepção sobre as formadoras

A satisfação dos pais com as formadoras que lideravam os grupos foi uma constante. Os pais elogiaram o empenho que estas demonstravam na tarefa e a clareza com que apresentavam os temas. Sentiram-se apoiados pelas formadoras e referiram o seu entusiasmo e empatia/compreensão, no sentido do que referem outros autores (Barlow & Stewart-Brown, 2001). A gestão das sessões foi, igualmente, muito apreciada por todos.

“...mesmo quando acabava uma sessão perguntava sempre se havia alguma dúvida para esclarecer e tudo, acho que aprendemos bastante com ela. Uma pessoa que fala muito bem, explica bem as coisas, interage bem com os formandos, não tenho nada a apontar. [S.C.]”

“Elas foram excepcionais estas doutoras, elas foram mais que doutoras. Era como se fossem duas amigas, gostei muito delas. [E.S.]”

“Ah, gostei muito. Depois houve uma altura que eu perguntei a uma das doutoras se tinha filhos e acho que foi muito importante, eu sei que são pessoas que estudam que são licenciadas e doutoradas, mas acho que além dessas coisas todas o facto de ter sido mãe de 3 crianças, melhor ainda ela sabia aquilo que nos estava a dizer, não é que não soubesse caso não tivesse filhos, não é isso que eu estou a dizer, a experiencia da maternidade, e com 3 filhos acho que tornou ainda mais especial a situação, e pronto eu falei, ao meu marido das senhoras. [J.B.]”

Perceção sobre o apoio da família

Todos os entrevistados, casados ou em união de facto, mencionaram ter-se sentido apoiados pelos respetivos cônjuges e grande percentagem sentiu-se igualmente apoiado pelos filhos (18 dos participantes). Os pais referem que

os filhos/cônjuge eram uma fonte de incentivo à participação no programa, por acreditarem ser importante para o seu bem-estar e saúde emocional deles, que mostravam interesse e curiosidade pelo que se passava nas sessões e, em alguns casos, sentiam mesmo que, embora de forma diferente, a família também participava e colaborava com a formação.

Dava que assim enquanto andava nisto não estava em casa, a pensar, ia-me distraíndo. Só dizia que era poucos dias. [P.C.]

Dão muita, muita, ficavam contentes sempre que eu vinha, porque sou uma pessoa que estou sempre fechada em casa e para eles era uma alegria eu passar tempo com pessoas. [A.T.]

Perceção sobre a adesão

Esta dimensão abrange as ideias expressas pelos participantes quanto à não adesão de alguns pais, as formas de lidar com os pais resistentes, as motivações para a participação e as faltas. Quando questionados sobre a não adesão de alguns pais às intervenções, os pais referiam questões logísticas, como ausência de recursos financeiros, a distância geográfica ou a incompatibilidade de horários (6 participantes); e razões de índole subjetiva como alienação, desinteresse pela tarefa educativa, esquecimento, falta de vontade, ou perceção de inutilidade e desinteresse da intervenção (14 participantes).

“Maneiras de pensar completamente diferentes, vou perder tempo vou aprender uma coisa que já sei, é ser mãe, lidar com os filhos, os tempos mudam e as pessoas tem de evoluir conforme o tempo. [P.M.]”

A percepção de inutilidade e desinteresse da intervenção é explicada por Marujo, (1997) que sugere existir um desconhecimento profundo das famílias quanto ao tipo de apoio que podem obter através destes programas, o que pode explicara desconfiança ou menor motivação para o envolvimento nos mesmos.

Os participantes também adiantaram algumas sugestões para promover a adesão e o envolvimento de outros participantes, entre as quais a marcação de faltas e necessidade de sua justificação, a obrigatoriedade da frequência e telefonemas ou envio de lembretes antes de cada sessão. No entanto, a ideia dominante (12 participantes) era a de que dificilmente se conseguiria atrair os pais não interessados em participar.

“Não, eu acho que as pessoas que estavam presentes fizeram o possível e o impossível para que corresse bem. Mas é preciso a outra parte, e há pessoas que não têm a disponibilidade para isso, ou porque não querem ou porque não têm mesmo. [J.B.]”

As motivações pessoais para terem aderido à intervenção foram espontaneamente apontadas por 13 dos participantes, ao longo do decurso da entrevista. A este respeito, os pais referem o facto de a participação os ajudar a aliviar do stress e a relaxar, enfatizando frequentemente a importância e utilidade da intervenção para a tarefa parental.

“...estava a passar uma fase má, a separação, foi muito complicado, eu andava em baixo, também ajudou eu vir, conviver, era pouco tempo, se fosse mais uns dias era ainda melhor e eu tentava não faltar e fazia-me bem, clarear um bocadinho as ideias, fazia-me bem. (...) porque é muito difícil hoje em dia, sozinha dar educação aos filhos. [G.F.]”

“...dá para distrair, dá para conversar, para dar uma gargalhada, dá para deitar umas lágrimas, é mesmo assim. [A.T.]”

Confrontados com as suas próprias faltas, com uma exceção, todos referiram ter sido impossível evitá-las, acreditando que não haveria nenhuma alternativa que a instituição promotora da formação pudesse ter posto em prática para que não tivessem tido que faltar.

“Não, porque foi consultas, ou problemas pessoais, mesmo. [R.A.]”

Percepção sobre os filhos

Foi surpreendente e interessante detetar nas respostas dos participantes a percepção de mudanças nos filhos, que são associadas ao momento em que começaram a participar nas intervenções. Estas mudanças são relatadas espontaneamente por sete (33%) participantes ao longo das entrevistas. Em consonância com dados de outros estudos, algumas mães referiram uma melhoria no comportamento das crianças e também na sua relação com elas (Stewart-Brown *et al*, 2003).

“Sinto diferenças neles. Eles pegavam-se muito e agora já não se pegam, (...) Às vezes ela ajuda-a a fazer os deveres e ela faz com ela. E pronto dão-se bem. [P.S.]”

“...e neles até se sente que sim, que modificou porque dá a sensação que eles ficaram mais próximos, porque agora a maneira de falar é diferente, já agradeço o que eles fazem durante o dia, eles mostram mais a proximidade que têm comigo. [S.M.]”

Em síntese, tendo em conta a frequência das respostas dadas pelos participantes este estudo sugere que os pais participantes nestas intervenções de formação parental:

- Estão satisfeitos com os conteúdos da intervenção, bem como com as suas mudanças ao nível das ideias e comportamentos parentais e da capacidade de gestão do comportamento dos seus filhos,

- Estão de uma forma geral satisfeitos com a frequência das sessões e com as intervenções em que participaram,

- Reconhecem a mais-valia da participação num grupo com outros pais, incluindo o sentimento de integração e o impacto positivo da divergência de opiniões

- Percecionam positivamente as formadoras e o seu trabalho na gestão das sessões

- Sentem-se apoiados pela família (cônjuges e filhos) pela sua participação.

Conclusão

Na generalidade, os resultados obtidos neste estudo sugerem, que os participantes das intervenções avaliadas estão, na sua maioria, satisfeitos com a intervenção e sentiram que esta os tinha ajudado num processo de mudança benéfico e consequente nos seus contextos, especialmente ao nível das práticas educativas.

As categorias que surgiram na análise do discurso dos pais ajudam a compreender melhor os efeitos das intervenções na parentalidade na perspectiva dos seus participantes. Especialmente pertinente é a distinção entre as

dimensões surgidas diretamente a partir do estímulo das questões da entrevista, e aquelas que emergiram espontaneamente nas narrativas dos entrevistados. Neste segundo tipo encontram-se: 1) o sentimento de controlo na seleção dos conteúdos abordados; 2) o desejo que estas intervenções fossem mais prolongadas no tempo ou de participar noutra intervenção; 3) a identificação das motivações para a adesão e, por último, 4) a perceção de diferenças no comportamento dos filhos. Estes tópicos não se encontravam explícitos no guião da entrevista, pelo que em investigações futuras poderá ser relevante a sua inclusão como dimensões de estudo, seja ao nível dos conteúdos da intervenção como ao nível da avaliação, sendo relevante compreender de que forma podem constituir indicadores do impacto dos programas e dos processos implicados.

Citando apenas alguns exemplos, as ideias expressas por este conjunto de pais acerca da frequência e duração das intervenções, os conteúdos mais pertinentes, os motivos que os levaram a participar, os benefícios do formato grupal, ou a postura das formadoras e até as suas ideias sobre o não envolvimento de outros pais, poderão constituir aspetos a tomar em conta na preparação de futuras intervenções com vista a maximizar os ganhos e a captar pais menos interessados nas mesmas.

Apesar das suas óbvias limitações em termos do número de participantes e diversidade das intervenções a que foram submetidos, este estudo suporta a importância das intervenções de formação parental em contextos desfavorecidos destacando o seu potencial de apoio efetivo às figuras parentais, com consequências para o seu bem-estar e capacidades educativas.

Espera-se ainda que esta investigação contribua para reforçar a necessidade de uma avaliação adequada no âmbito da formação parental, reforçando a ênfase nas metodologias qualitativas, de forma a monitorizar e intencionalizar a qualidade da prática dos profissionais que colaboram com as famílias. A informação qualitativa, embora não substitua a informação de tipo quantitativo, pode complementá-la de forma muito relevante e como ficou expresso pelos resultados deste estudo, trazer à superfície alguns benefícios menos evidentes e mensuráveis, mas nem por isso menos relevantes para os pais participantes.

Referências

- Abreu-Lima, I. M. (2005). Avaliação do ambiente familiar e seu impacto na educação e desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar. In J. Bairrão, *Desenvolvimento: contextos familiares e educativos* (pp. 98-140). Porto: Livpsic.
- Abreu-Lima, I, Alarcão, M., Almeida, A., Brandão, T., Cruz, O., Gaspar, M. & Ribeiro dos Santos, M. (2010). *Avaliação de Intervenção de Educação Parental. Relatório 2007-2010*. Acedido no site: http://www.cnpejr.pt/tpl_intro_destaque.asp?3494
- Authier, K. J., Sherrets, S. D., & Tramontana, M. G. (1980). Methods and Models of Parent Education. *Journal of Clinical Child Psychology* , 9(1), 38-40.
- Barlow, J., Coren, E., & Stewart-Brown, S. (2002). Meta-analysis of the effectiveness of parenting programs in improving maternal psychosocial health. *British Journal of General Practice*, 52, 223-233.
- Barlow, J., & Stewart-Brown, S. (2001). Understanding parenting programmes: parents' views. *Primary Health Care Research and Development*, 2(2), 117-130.
- Bartau, I., Maganto, J., & Etxeberria, J. (2001). Los Programas de Formación de Padres: una experiencia educativa. *OEI - Revista Iberoamericana de Educación*, 25, 1-17.
- Conselho Europeu. (2006). *Positive Parenting in contemporary Europe. Draft report to the CS-EF*. Strasbourg: Directorate General III - Social Cohesion Social Policy Department.

- Cruz, O., & Barbosa Ducharne, M. A. (2006). Intervenção na Parentalidade - o caso específico da Formação de Pais. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación* , 11-12, 295-309.
- First, J. A., & Way, W. L. (1995). Parent Education outcomes: Insights into transformative learning. *Family Relations*, 44, 104-109.
- Innocenti, M. (2002).Evaluating programs in real time: Interpreting puzzle pieces.*Topics in Early Childhood Special Education*, 22, 86-90.
- Machado, M., & Morgado, R. B. (1992). A Educação Parental: Delineamentos para uma Intervenção. *Análise Psicológica*, 1(X), 43-49.
- Martín-Quintana, J. C., Byrne, S., Máiquez, M. L., Rodríguez, B., Rodrigo, M. J., & Rodríguez, G. (2009). Programas de Educación Parental. *Intervención Psicosocial*, 2, 121-133.
- Martínez González, R. A., & Vázquez, C. M. (2009). Orientación Educativa para la Vida Familiar como Medida de Apoyo para el Desempeño de la Parentalidad Positiva. *Intervención Psicosocial* ,18(2), 97-112.
- Marujo, H. A. (1997). As práticas parentais e o desenvolvimento sócio-emocional: propostas para uma otimização de recursos e de resultados. In H. Marchand & H. R. Pinto (Eds.), *Família: Contributos da Psicologia e das Ciências da Educação*. (pp. 129-141). Lisboa: Educa.
- Nicholson, B., Anderson, M., Fox, R., & Brenner, V. (2002). One Family at a time: a prevention program for at-risk parents. *Journal of Counseling and Development*, 80(3), 362-371.

Powell, D. R. (1998). Issues in Evaluating Parenting Curricula. *Parenthood in America*. Acedido em

:<http://parenthood.library.wisc.edu/Powell/Powell.html>

Sanders, M. R., Markie-Dadds, C., & Turner, K. M. (2003). Theoretical, Scientific and Clinical Foundations of the Triple P - Positive Parenting Program: A Population Approach to the Promotion of Parenting Competence. *Parenting Research and Practice Monograph, 1*, 1-20.

Scott, S., O'Connor, T., & Futh, A. (2006) *What makes parenting programmes work in disadvantaged areas? The PALS trial*. York: Joseph Rowntree Foundation.

Stewart-Brown, S., Patterson, J., Mockford, C., Barlow, J., Klimes, I., & Pyper, C. (2003). Impact of a general practice based group parenting programme: quantitative and qualitative results from a controlled trial at 12 months. *Arch Dis Child, 89*(6), 519-525.

Thompson, R. W., Grow, C. R., Ruma, P. R., Daly, D. L., & Burke, R. V. (1993). Evaluation of a practical parenting program with middle- and low-income families. *Family Relations, 42*, 21-25.

Vale, D., & Costa, M. E. (1994/95). Consulta Psicológica Parental para Problemas de Comportamento: Estudos de Caso. *Cadernos de consulta Psicológica, 10*(11), 79-104.

Velazquez, M., & Loscertales, F. (1987). *Escuela de Padres*. Sevilla: Ediciones Alfar.



Wolfe, R. B., & Haddy, L. (2001). A qualitative examination of parents' experiences in parent education groups. *Early Child Development and Care*, 167, 77-87.

Nota de autor:

Isabel Abreu-Lima, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto; Isabel Pratinha, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Correspondência relacionada com este artigo deverá ser endereçada a Isabel Abreu-Lima, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal. Correio eletrónico: isabelmpinto@fpce.up.pt

Recebido em 6/4/2012. Aceito em 2/5/2012.